
BRINCADEIRAS DAQUI PRA LÁ: AS DIVERSAS LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Miriam Nogueira Duque Villar¹
Nilcéa Beatriz Jenevain Braga²

Apresentação

O presente relato trata de uma experiência vivenciada num projeto desenvolvido com crianças da Educação Infantil numa proposta onde as múltiplas linguagens foram utilizadas de forma a favorecer a interação com as brincadeiras, criando formas de compartilhá-las com as crianças do continente africano.

Introdução

A escola onde foi desenvolvido o projeto situa-se na região oeste da cidade e pertence à rede municipal de ensino. Atende a aproximadamente 200 crianças, sendo que de um total de treze turmas, quatro pertencem ao Ensino Fundamental, oito pertencem à Educação Infantil e uma turma pertence à Creche. As professoras são dinâmicas, valorizam a diversidade, buscam seguir um planejamento conjunto, embora não haja uma metodologia específica para o desenvolvimento do trabalho diário. Possui um espaço privilegiado onde se distribuem três pátios externos tão necessários às brincadeiras e atividades com as crianças pequenas. Há um pátio de terra numa parte mais elevada com alguns brinquedos de parque e uma casinha de alvenaria. Um pouco abaixo há uma pequena horta. Descendo uma rampa chega-se a um pátio de areia com árvores frutíferas nas quais as crianças sobem e descem com muita familiaridade: duas jaboticabeiras, um limoeiro, duas

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES, Pós-Graduada em Arte Educação Infantil pela UFJF, Atualmente é professora da Escola Municipal Prof. Carlos Alberto Marques. miriamduquev@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia e Pós graduada em Arte Educação Infantil pela UFJF. Atualmente é professora da Escola Municipal Prof. Carlos Alberto Marques. nilceabeatriz@gmail.com



goiabeiras, um pé de carambola e um pé de acerola. Um pouco abaixo há ainda um pátio cimentado. Em meio a esse espaço se dividem oito salas de atividades, uma biblioteca, secretaria, sala dos professores, cozinha, refeitório e um salão bem espaçoso utilizado nos momentos coletivos para atividades com as crianças e em reuniões com as famílias.

O projeto foi desenvolvido com uma turma do 2º período da Educação Infantil totalizando vinte e três crianças numa média de cinco anos de idade. Neste ano de dois mil e dezessete a turma se encontra no 1º ano do Ensino Fundamental. Somente uma das professoras permaneceu com seu trabalho, pois faz parte do projeto “Histórias e Canções” pertencente à proposta curricular da escola e que atende a todas as turmas. A outra professora, chamada de referência, está trabalhando com o 1º período de Educação Infantil, turma formada por crianças que no ano passado pertenceram à faixa etária de três anos, classificada como creche.

A turma com a qual foi desenvolvido o projeto demonstra grande interação. Como as crianças já se conheciam no ano anterior, relacionam-se com muita familiaridade. Gostam de argumentar, dar sugestões, contar e inventar casos. Já chegam à escola acolhendo e sendo acolhidas pelos amigos numa rotina da qual fazem parte e participam diretamente.

De acordo com as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil,

“as propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentido sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”. (BRASIL, 2009).

Nesse contexto, baseado em uma perspectiva histórico cultural, o nosso objetivo foi favorecer as aprendizagens, valorizando a criança como sujeito que se pronuncia sobre o mundo no qual está inserida a partir de diferentes linguagens- plástica, musical, gestual, pictórica- fazendo uso desses meios simbólicos para se pôr em interação com o outro.

Sabemos que as experiências vividas têm um enorme significado e interferem diretamente na capacidade que o ser humano possui de criar e imaginar.

Dessa forma, Vigotski (2009), encontra na possibilidade humana de criação e uso de signos uma via explicativa para o funcionamento mental, social e individual. Para ele, os signos são formas de relação social e a linguagem tem um importante papel no desenvolvimento humano e na formação da consciência. Daí sua preocupação em mostrar a importância de um trabalho pedagógico que crie condições para que as crianças tenham experiências culturais.

Os processos de criação são facilmente percebidos nas crianças desde muito pequenas. “Uma das questões mais importantes da psicologia e da pedagogia infantil é a da criação na infância,



do desenvolvimento e do significado do trabalho de criação para o desenvolvimento geral e o amadurecimento da criança” (VIGOTSKI,2009, p.16). Como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é imaginação em atividade.

Nessa perspectiva, em meio às escolhas feitas pelas crianças em relação às brincadeiras que gostariam de compartilhar, percebemos que diante dos enredos apresentados, colocavam-se como sujeitos atuantes, capazes de fazer escolhas, criar possibilidades, experimentar e vivenciar as diferentes culturas presentes nas brincadeiras. De acordo com Vigotsk,

“A possibilidade de criação ancora-se na experiência. Podemos certamente pensar que qualquer experiência humana tem sua riqueza, suas possibilidades, suas formas de realização. No que se refere às práticas pedagógicas, no entanto, trata-se do incansável trabalho de inventar e planejar, a cada dia, como viabilizar, de maneira mais efetiva, o acesso das crianças ao conhecimento produzido e sua participação na produção histórico-cultural. Podemos aqui pensar na própria atividade pedagógica como atividade criadora.”(VIGOTSKI, 2009, p.23).

Sendo assim, buscando valorizar a participação das crianças, o trabalho foi desenvolvido através da pedagogia de projetos. Cabe ressaltar, que o trabalho realizado com projetos, propõe atividades voltadas para uma perspectiva lúdica do conhecimento, considerando as crianças como co-autoras do seu processo de aprendizagem, tirando-as do lugar de passividade que a escola as tem colocado para um papel ativo e participativo.

Como tudo começou

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”. (JORGE LAROSSA, 2002, p.24).

O Projeto ora apresentado é para nós, professoras da Educação Infantil, a continuidade de uma história que teve início assim, como quem caminha devagar, como bem ilustra o pensamento de Larossa. Sem pressa de chegar, sem correria, sem atropelamentos que, no cotidiano de uma escola de Educação Infantil acabam por roubar o que de mais precioso podemos descobrir se nos dispomos a ouvir os pequenos.



Ao conhecer a história de OBAX, presente no livro que leva o mesmo nome, as crianças sentiram-se instigadas a conhecer a cultura do lugar onde se passa o enredo, o continente africano.

Dessa forma, nasceu o projeto “Brincadeiras daqui pra lá” que envolveu várias pesquisas, rodas de conversa, leituras, trabalhos artísticos e vivências. Muitas vezes, as observações e questionamentos das crianças são verdadeiros disparadores de novos projetos e descobertas. Basta que nós, enquanto professoras e professores tenhamos um olhar atento e sensível sobre suas manifestações.

Nesse contexto, a fala de Isadora fez surgir o desejo de dar continuidade a um projeto rico em trocas, aprendizagens e saberes compartilhados.

- Já que nós aprendemos as brincadeiras africanas, porque não ensinamos as nossas brincadeiras para as crianças da África?

A resposta a essa pergunta foi muito bem acolhida, porém como já se aproximava o fim do ano letivo, foi guardada com cuidado num baú de preciosidades que nós professores e professoras temos escondido. Guardamos e no momento certo, abrimos e, quando começamos a mexer com as crianças, o conteúdo, bem diferente daquele presente nos cadernos pautados, aumenta de tamanho tantas vezes, que quando vamos guardar novamente, já não cabe mais. Dessa forma, ele pode viajar por todos os lugares, levando novas experiências a quem o conhece.

Nesse sentido, com a intenção de trilhar novos caminhos e dividir bagagens aprendidas, no início do ano letivo, após o recesso de janeiro, foi possível desenvolver o projeto proposto por Isadora, já que a turma do ano anterior permaneceu a mesma. As mesmas crianças, as mesmas professoras.

Reunimo-nos na roda e lançamos a pergunta feita por Isadora. Todos gostaram da idéia. Mas surgiu uma dúvida: Como ensinaríamos nossas brincadeiras para crianças que vivem tão longe de nós? E as respostas logo foram colocadas. “Pelo computador”, “mandar uma carta”, “podemos fazer um livro de brincadeiras”. Mais um questionamento: E como esse livro chegaria até lá? “Poderíamos colocar numa caixa e enviar pelo correio”. Antônio Gabriel se lembrou que tinha uma caixa que poderia doar para colocar o livro. Mas como esse livro chegaria até a África? “De navio”, “de avião”, “pelo correio”. Quem levaria? Eloá se manifestou dizendo que esse não era o problema já que sua mãe viaja para a África todos os dias. E assim foram numeradas as possibilidades e dificuldades para que nossa proposta se realizasse.



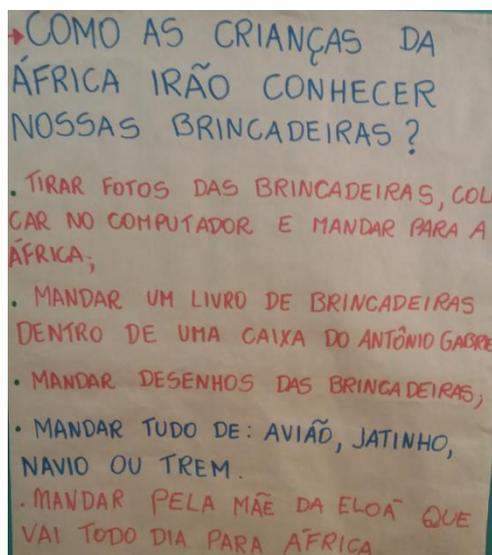


Foto 1

Assim, dando sentido aos pensamentos representados pelas sugestões trazidas pelas crianças no momento da roda, permitimos que as palavras nos conduzissem ao desenvolvimento de um projeto com o qual pudemos literalmente brincar, lembrando novamente Larossa quando diz:

Creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e também que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nossos pensamentos porque não pensamos com pensamentos, não pensamos de acordo com uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. Pensar é dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (JORGE LAROSSA, 2002, p.24).

Nesse contexto, iniciamos o processo de compartilhar com pares longínquos, saberes expressados através de canções de roda, da dança, de ilustrações próprias, de enredos curiosos e criativos tão presentes nas brincadeiras escolhidas pelas crianças.

Na mesma roda de conversa começamos a contextualizar o material, isto é, as vivências que íamos apresentar às crianças “de lá”, quais as brincadeiras seriam contempladas, de que maneiras elas seriam aprendidas.

Nestes momentos, uma folha de papel pardo e diversos pincéis espalhados pelo chão são ótimos receptores das rápidas manifestações que surgem nas recordações e idéias das crianças. Muitas vezes se lembram do “como brincar”, o que é mais importante para elas, isto porque, cada brincadeira, na verdade, traz uma história. O que vem na lembrança é a experiência que a brincadeira proporcionou e não necessariamente o nome que ela leva.



“Aquele que a gente vai caindo”, “a do camaleão”, aquela que a gente encontra lá no meio da roda, “a da bruxa”, “a do periquito”.

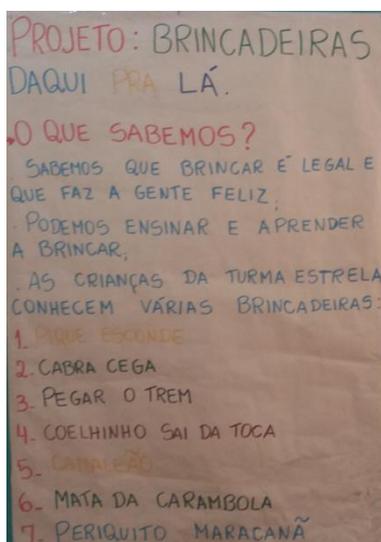


Foto 2

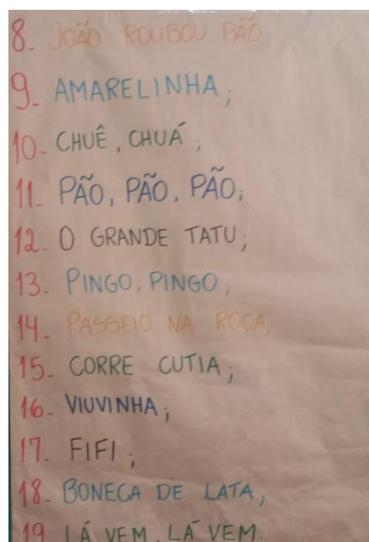


Foto 3

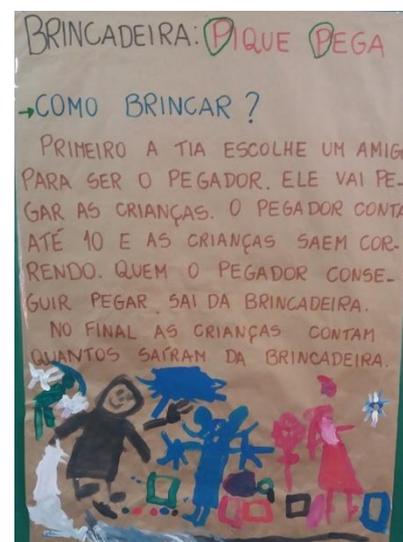


Foto 4

Em meio às tardes ensolaradas, risadas, canções, palmas e pés, fomos nos encontrando nas brincadeiras escolhidas pelas crianças, nas vivências que foram gravadas em vídeo para serem levadas à África, nas formas de ilustrar as brincadeiras, nas fadas que presenciaram os sujeitos brincantes em suas cantorias e danças e, até mesmo numa música composta por uma das professoras responsáveis pelo projeto, inspirada nas histórias de OBAX.



Foto 5



Foto 6

Levamos a música “Pelo mundo eu vou” para a Mostra Estudantil promovida pela Secretaria de Educação. O evento proporcionou a participação das famílias que se reuniram para



caracterizar as crianças de acordo com a cultura africana. Para isso, foi realizada uma oficina com uma professora da Supervisão e Atenção à Educação na Diversidade da Secretaria de Educação em que foram confeccionadas vestes próprias e feitos lindos birotos como os de OBAX.



Foto 7



Foto 8

As famílias tiveram uma participação direta, no sentido de incentivar as crianças no desenvolvimento de todas as experiências realizadas. Sua avaliação demonstra a satisfação que tiveram em participar do projeto e o quanto o consideraram significativo para as crianças.

Após sermos contemplados com tantas trocas e sentimentos os mais diversos, tecido por muitas mãos, palavras, histórias, numa sala rodeada dos mais variados sons, cheiros e sabores, o livro ficou pronto.



Foto 9



Foto 10

Através de uma colaboradora da Universidade Federal de Juiz de Fora, envolvida com questões de identidade étnico-racial, conseguimos articulação com uma escola em Angola e, dessa



forma o livro chegará como um presente às mãos das crianças “de lá”. Tão diferentes e tão iguais as nossas! Poderão folheá-lo, admirá-lo, observar suas formas e cores, poderão imaginar sua construção carinhosa aqui do outro lado do mundo, poderão sonhá-lo e poderão sim, brincá-lo e carregá-lo para suas terras, com seus sorrisos, suas rodas, seus jeitos singulares de olhar o mundo.

Diante de todo o trabalho apresentado, em meio a todas as vivências aqui relatadas percebemos que esse projeto possibilitou às crianças o desenvolvimento das capacidades de explorar, experimentar, imaginar, brincar, buscando conhecimento em cada situação surgida no cotidiano.

Assim, nessa perspectiva, acreditamos que, oportunizando às crianças darem sentido e significado ao mundo com o qual elas se relacionam e sendo protagonistas de suas histórias é que poderão descobri-lo, redescobri-lo e transformá-lo a cada dia.

Referências

_____. Conselho Nacional de Educação/Câmara de educação básica. Resolução nº05, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Conhecimento de Mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3.

_____. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Projetos Pedagógicos na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.

KLISYS, Adriana. Ciência, arte e jogo: projetos e atividades lúdicas na educação infantil. São Paulo: Peirópolis, 2010.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p, 20-28 jan./abr. 2002.

MICARELLO, H.; SCHAPPER, I.; LOPES, J. J. M (Orgs.). Itinerários investigativos: infâncias e linguagens. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

VIGOTSKI, L.S.(1930). *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Imaginação e Criação na infância. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Editora Ática, 2009.

